

Universidade de Brasília

Quem seria a elite de São José dos Pinhais?

Diogo Neves de Carvalho

10/0028098

Brasília, julho 2014

Conteúdo

| | |
|---|----|
| Introdução | 3 |
| Capítulo 1- O contexto: a freguesia de São José | 4 |
| Capítulo 2 - Metodologia e Historiografia | 10 |
| Capítulo 3 - A Elite em São José..... | 20 |
| Conclusão..... | 30 |
| Bibliografia | 31 |
| Fontes | 32 |

Introdução

Este trabalho tem o objetivo de testar e apresentar algumas hipóteses sobre a elite da freguesia de São José dos Pinhais. A questão que intitula esta monografia é a pergunta que orienta nossa empreitada a fim de desenvolver habilidades na produção do conhecimento histórico.

Durante a realização de transcrições de registros de batismo para composição de banco de dados do projeto "Afogando em nomes e em relações sociais" e depois de enxergar algumas questões curiosas acerca das fontes que trabalhávamos todos os dias foi natural que, ao estudante de história e aspirante a historiador a busca pelo entendimento do tema fosse natural. Então logo surgiu o interesse em descobrir "*Quem é a elite da freguesia de São José dos Pinhais?*" Essa é a inquietação central do texto. Buscamos aqui entender melhor sobre o tema e aprofundar na documentação para compreender como era a elite em São José dos Pinhais.

No decorrer do texto serão apresentados os dados, fontes e a metodologia de que utilizamos para a realização desta tarefa e tentar expor um pouco mais sobre as possibilidades de pesquisa sobre o tema para esta freguesia. O debate com a historiografia também é um dos pontos que tratamos, visto que as hipóteses que aqui criamos são frutos das observações feitas com as fontes.

No capítulo 1 apresentamos um pouco sobre a freguesia de São José, mostramos as sua composição social, descrevemos a sua geografia e a dispersão populacional sob o seu território, contamos um pouco da história da freguesia de forma a dar um panorama geral ao leitor.

No segundo capítulo tratamos da metodologia e da historiografia afim de mostrar ao leitor o ponto de vista que temos ao analisar as nossas fontes e mostrar como será feito o trabalho de teste das hipóteses e quais os critérios estaremos usando para a obtenção do resultado final.

Por fim no terceiro capítulo temos a apresentação dos dados e das personagens que compõe a nossa elite bem como as observações que fazemos para orientar o leitor no entendimento de compreender o trabalho realizado. Esse capítulo apresenta o que chamamos de hipóteses de uma elite local, mas não as definimos como tais, somente na conclusão é que trataremos das respostas a tais questões.

Capítulo 1- O contexto: a freguesia de São José

Este trabalho tem o objetivo de discutir o significado o que é ser elite na freguesia de São José dos Pinhais, localizada a sudeste da Vila de Curitiba, principal lugar dos chamados campos de Curitiba, capitania de São Paulo no Sul da América Portuguesa. Também conhecida como “Campos de Curitiba” São José fica no Planalto Paranaense e sua posição é estratégica no caminho das tropas que saem do sul em direção à Capitania de São Vicente, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

A economia da freguesia baseava-se na agricultura e na pecuária, principalmente na criação de gado para a exportação para as Minas Gerais e para a Capital do Rio de Janeiro. Outra fonte econômica era a exportação de Erva Mate, sobretudo para a Bacia do Rio da Prata. Na pecuária a criação de gado se intensificou durante a partir de 1780 e a demanda crescia a cada ano e tornou-se uma das principais atividades dos campos de Curitiba¹.

Por ser ainda uma freguesia², São José contava com uma capela que representava o poder do Estado na localidade. A freguesia cresce a sombra de Curitiba onde situa-se a Câmara e passa a todo o período de nosso estudo sob sua jurisdição. Somente com a elevação para a categoria de Vila em 16 de julho de 1852 possuiria uma Câmara. A sua sociedade era formada principalmente por agricultores e tropeiros, alguns desses, remanescentes do período da exploração aurífera que havia ocorrido no início do século XVIII. Nesse período predomina o domínio da população livre em relação a população escrava.

A história de São José dos Pinhais remonta ao período colonial. Sabe-se pouco dos primeiros anos de seu povoamento. Encontramos informações em relatos feitos por Hans Staden em uma das suas viagens pelo litoral da colônia onde descreve o contato com portugueses e franceses por lá.³ A ocupação do território paranaense se deu em seu auge com a descoberta de vestígios de ouro no litoral da região. Tal ocupação foi tão

¹ MACHADO, Cacilda. **A trama das vontades. negros, pardos e brancos na construção da hierarquia social do Brasil escravista.** Rio de Janeiro, Ed. Apicuri, 2008. p.51

² Freguesia: Freguesia - Na organização administrativa colonial, as freguesias eram povoações que contavam com uma autoridade eclesiástica local e possuíam representantes junto à administração pública da vila a que pertenciam.

³ STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil:** arrojadas aventuras no século XVI entre os antropófagos do novo mundo. São Paulo: 1942. 216 p.

relevante que a região passou a condição de Capitania em 1660. Muito florescente nos finais do século XVII o povoado ganhou uma capela com a devoção de Senhor Bom Jesus dos Perdões⁴.

Assim o pequeno povoado de São José tornava-se um caminho de convergência de três importantes caminhos, o caminho do Arraial das Minas (ou Arraial Grande), o caminho dos Ambrósios, e o caminho dos Campos de Curitiba. A data exata de quando São José teria passado de Capela Curada para Paróquia é desconhecida. No entanto com a decadência das minas de ouro o interesse pela região também foi exaurido e em 1711 a capitania de Paranaguá foi rebaixada a condição de comarca da então recém-criada Capitania de São Paulo. O Paraná passa a ser uma das comarcas de São Paulo, dessa vez a quinta comarca da capitania paulista. Em 16 de julho de 1852 São José foi elevada de Freguesia para a categoria de Vila⁵ sendo Criado o município cuja instalação oficial se deu em 8 de janeiro de 1853⁶.

⁴ SBRAVATI, Myriam. **São José dos Pinhais, 1776-1852; uma paróquia paranaense em estudo.** Dissertação de Mestrado - DEHIS/UFPR, Curitiba, 1980.

⁵ Vila - Segundo Fonseca, a expressão *vila* possuía dois significados: por um lado, designava a "povoação-sede" de um concelho. Por outro lado, correspondia espacialmente a todo o território do entorno da sede, uma vez que este era controlado pela Câmara. O fato de ser sede de um concelho pressupunha autonomia judiciária de primeira instância e administrativa, o que significava a existência de uma Câmara.

⁶ SBRAVATI, Myriam. Op. Cit

Localização atual do município de São José dos Pinhais



Fonte: <http://luminer.com.br/imagens/mapa.gif>

O período em que estudamos essa sociedade delimita-se do ano de 1770 ao ano de 1820 totalizando 50 anos nosso recorte temporal. Nesse recorte só tivemos como precisar os dados demográficos para 1782/1793, isso a partir de listas nominativas desses respectivos anos. Todos os outros (1772, 1776, 1782, 1797, 1815, 1816) dados foram obtidos a partir do trabalho de sistematizado por SBRAVATI⁷.

Em 1772, a população livre é de 833 pessoas dessas quais 145 eram escravas num total de 17,4% da população verificada naquele ano. Em 1776 de um total de 1169 pessoas 270 estavam sob a condição de escravos isso representa 23,1% do total de

⁷ SBRAVATI, Myriam. São José dos Pinhais, 1776-1852; uma paróquia paranaense em estudo. Dissertação de Mestrado - DEHIS/UFPR, Curitiba, 1980.

peças. No ano de 1782 das 996 peças registradas na lista nominativa 156, ou seja, 15,7% da população era de não livres. Em 1797 a população total era de 1502 habitantes e desses 187 eram escravos, o que representa 12,5% dos habitantes. Em 1783 o número de peças é 1130, desses 193 são registradas como escravos o que representa 17%. Em 1815 a população escrava era de 170 peças o que representa 13,3% de 1277 moradores da freguesia. Enfim no ano de 1816 dos 1299 habitantes 171 eram escravos, ou seja, 13,2% dos habitantes.

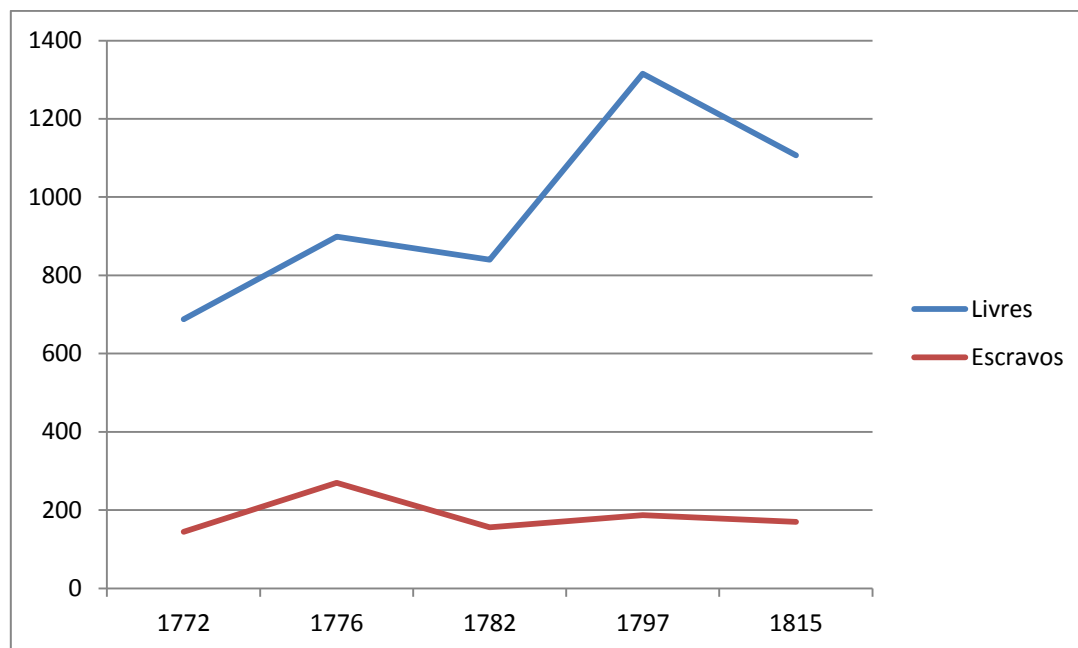
Diante de tais dados temos um cenário que apresenta uma sociedade de peças em sua maioria livres, sendo que esse número quase sempre supera os 80% da população contra apenas uma média de 15% aproximadamente de escravos, esse número variando entre 12,5% e 1797 a 23% em 1776. Importante para o nosso estudo visto que a propriedade de escravos também pode indicar uma elite, pelo menos essa é uma de nossas hipóteses.

Os dados das listas nominativas de 1783 e 1793 sistematizadas por mim são aqui os dados usados para apresentar um pequeno exemplo da quantidade de fogos existentes na freguesia de São José dos Pinhais. O número de fogos em 1783 era de 169 e em 1793 era de 237 visto que a população teve um crescimento de apenas 5% e o número de fogos teve um crescimento de 28%. Temos um crescimento relativamente maior da quantidade de matrimônios em relação à taxa populacional vista a partir do número de peças que se encontram registradas⁸.

Para a composição da sociedade de São José dos Pinhais também temos os registros de batismos que são a nossa principal fonte para o estudo aqui proposto. A quantidade de registros pertencentes a São José é de 1569. Podemos encontrar nesse apanhado de registros muitas informações importantes, como por exemplo, o número de peças que possui escravos e quantos escravos determinada pessoa possui. Os registros obtidos a partir da lista nominativa de 1783 são 1130. Juntamente com esses dados temos ainda os dados sistematizados por SBRAVATI citados anteriormente. Vamos iniciar a contagem e construção do cenário.

⁸ SBRAVATI, Myriam. Op. Cit. p 51,52

POPULAÇÃO LIVRE E POPULAÇÃO ESCRAVA 1772 - 1815

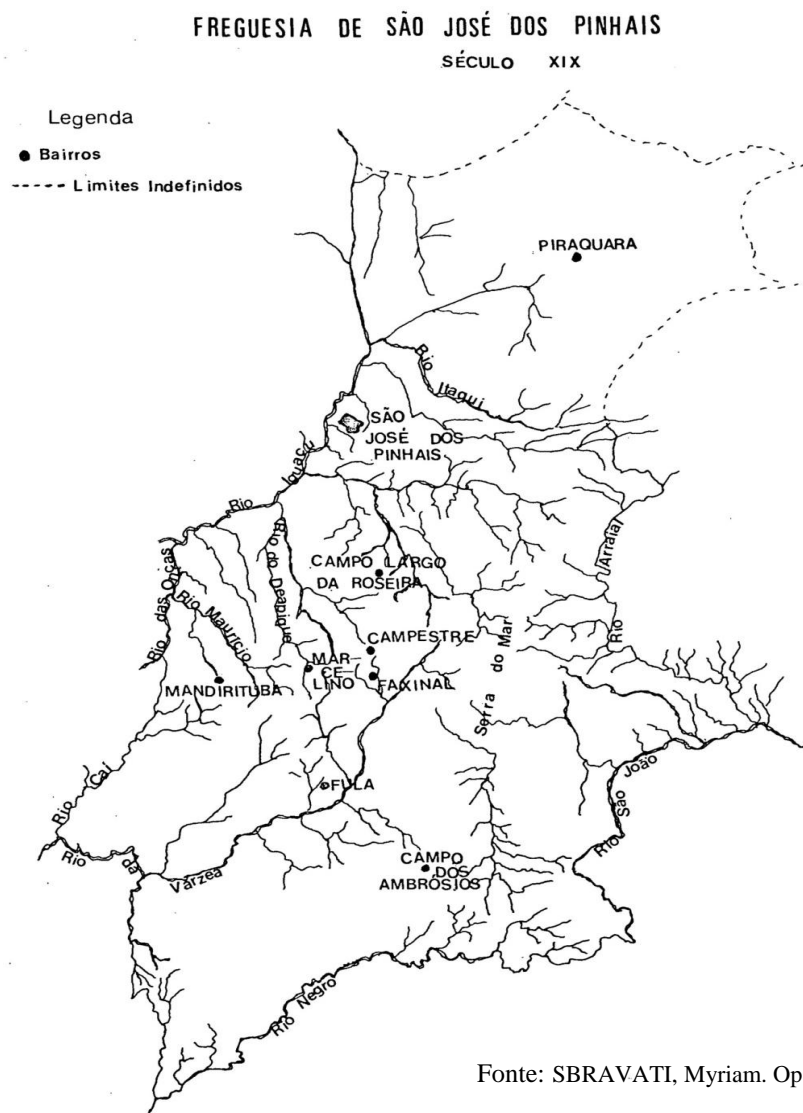


Fonte: SBRAVATI, Myriam. Op. Cit. p 52

Portanto fica evidente que o número de pessoas livres mantém-se maior que o número de escravos em todo o período observado. Percebe-se assim que o crescimento da população escrava em relação à população livre, quando registra crescimento, esse não ultrapassa a marca dos 5% o que revela que a taxa de crescimento populacional é condizente com sociedade de São José, que aqui podemos classificar como predominantemente rural, com alguns pontos de comércio e onde a paisagem pastoril e agrícola predomina sob a urbana. Pelos dados a localidade não parece estar atraindo pessoas, apenas mantendo a reprodução vegetativa.

A freguesia de São José tinha cinco bairros, Piraquara, Mandirituba, Campo Largo, Arraial e Centro (ou Matriz). Como exposto anteriormente São José apresenta uma organização comum assim como as demais freguesias do período colonial. São José se desenvolveu em torno da Igreja Matriz e foi a partir das vivendas construídas nesse perímetro, que os demais bairros que circundam São José são os bairros desenvolveram a agricultura e a pecuária. O “centro/Matriz” parece ser o bairro com o maior número de pessoas e fogos este aparece com 51 fogos e 370 pessoas, esse bairro é

o que possui a maior concentração de escravos. O centro/matriz não é o único lugar onde moram as pessoas com as patentes mais altas, no entanto aqui habitam os maiores senhores de escravos. O bairro do “Mandirituba” era um bairro com 18 fogos e 122 pessoas o que representa apenas 10% do total de habitantes. “Piraquara” também era um bairro expressivo com um apenas 18% do total de habitantes, contando com 32 fogos o bairro não contava com nenhuma pessoa de patente. O “Arraial” é o bairro com o menor número de fogos e pequena quantidade de moradores, apenas 123. Também não encontra-se nele nenhuma pessoa com patente. Por último, mas não menos importante que as demais, atrás apenas do “centro/matriz”, “Campo Largo” aparece com a mesma quantidade de fogos, 51, e 301 moradores com 36 escravos divididos entre 14 senhores diferentes.



Capítulo 2 - Metodologia e Historiografia

A metodologia utilizada nesse trabalho tem como objetivo responder a uma pergunta: “Quem é a Elite em São José dos Pinhais?” A partir dessa pergunta temos algumas hipóteses a serem trabalhadas e apresentadas aqui.

A historiografia sobre o conceito de elite vem sendo produzida de maneira exaustiva há várias décadas e desde então os debates resultaram em contribuições importantes para o entendimento das elites no mundo e no Brasil. Vamos fazer aqui uma pequena apresentação dos principais conceitos relacionados ao tema.

O termo elite em si já traz diversos problemas que não pretendemos ater-nos, mas sim às consequências geradas nas tentativas do seu entendimento. De início temos a escola Italiana representada pelos italianos Vilfredo Pareto e Gaetano Mosca no final do século XIX e início XX. Devemos ficar atentos ao fato de que a “teoria das elites” nasceu e se desenvolveu com relação aos estudos das elites políticas. Gaetano Mosca apresenta sua teoria de elites em 1896, em seu livro "Elementi di scienza política", no qual destaca a dicotomia entre maioria e minoria, entre os que mandavam e os que obedeciam, entre uma minoria organizada e composta por indivíduos superiores que dominam, e a maioria desorganizada que acabam sendo governada. (GRYNZPAN, 1999, cap. 4; BOBBIO, 2002, verbete “teoria das elites”, p. 385-391). Vilfredo Pareto, seguindo as ideias de Mosca, avançou na discussão sobre a teoria das elites usando o conceito da circulação das elites. Segundo ele as elites ao passar do tempo se estagnam quando conseguem adquirir o poder, dessa forma acabam por dificultar o acesso aos membros mais jovens que buscam adentrar o grupo como potenciais substitutos.

Nem Mosca nem Pareto estudaram como surgem as elites, atendo-se apenas na substituição de uma elite por outra. Mesmo assim, trouxeram importantes contribuições e popularizaram a teoria das elites, tornando-se referência fundamental neste campo. O passo seguinte à teoria das elites seria dado pela sociologia americana com Wright Mills sociólogo norte-americano que contrapôs a ideia de Mosca e Pareto ao apresentar a elite composta por homens cuja posição lhes permite transcender o ambiente comum dos homens comuns, e tomar decisões de grandes consequências. Mills mescla a análise metodológica e histórica para mostrar o poder da elite nos Estados Unidos e caracteriza-a como sendo composta por personagens que ocupam posições estratégicas dos

segmentos mais efetivos da sociedade como a economia, o exército e a política. Para o autor, e isto é o grande avanço em seu trabalho, as três “ordens” se interligam através de questões sociais, familiares e econômicas, sustentando-se e reforçando-se uns aos outros (1981).

A teoria marxista representada por Caio Prado Jr também se contrapõe a ideia de elite apresentada por Mills visto que para ele tanto a elite imperial liberal, como a conservadora mesmo tendo algum conflito entre si não deixavam transparecer suas diferenças, isso mostra a sua capacidade de estabelecer acordos para a manutenção dos seus poderes. Outro importante autor que participou dos debates acerca da teoria das elites foi José Murilo de Carvalho, em sua obra “A construção da ordem”⁹ José Murilo conclui que não se pode falar em estamento burocrático sem se olhar para as fontes documentais. “segredo da duração dessa elite estava, em parte, exatamente no fato de não ter a estrutura rígida do estamento, de dar a ilusão de acessibilidade, isto é, estava em sua capacidade de cooptação de inimigos potenciais” (CARVALHO, 2003, p. 151). Em resumo o estudo da história do conceito de elite principalmente no Brasil faz a reconfiguração da teoria a partir do trabalho empírico com a fonte.

O estudo das “Elites” é um tema bastante rico em bibliografia visto que os estudos da sociedade sempre levaram os historiadores a constituírem a história a partir da história das grandes personalidades. Temos então uma variedade de perspectivas as quais podemos aproveitar para fazer a nossa interlocução e tentar montar a Elite de São José dos Pinhais. Utilizamos aqui o conceito de “Elite” construído por Giovanni Busino.

Elite é um termo que pode designar tanto, o conjunto, meio onde se origina a elite (por exemplo a elite operaria, a elite da nação) quanto aos indivíduos que a compõe, ou ainda a área na qual ela manifesta sua preeminência. No plural a palavra ‘elites’ qualifica todos aqueles que compõem o grupo minoritário que ocupa a parte superior da hierarquia social e que se arrogam em virtude de sua origem, de seus méritos, de sua cultura, ou de sua riqueza, o direito de dirigir e negociar as questões de interesse da coletividade. (BUSINO 1992:4)

De acordo com José Murilo de Carvalho, os historiadores sempre se perguntaram como definir elite, ou seja, quem realmente manda. Depois das tentativas que acabavam caindo no problema do método, foram criados dois métodos principais,

⁹ CARVALHO, J. M. 2003. **A construção da ordem** : a elite política imperial; Teatro de sombras : a política imperial. 2ª ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira.

oriundos da ciência positiva, o método chamado posicional e o outro chamado de decisional.

“O primeiro definia elite política como constituindo das pessoas que ocupavam posições formais de poder. O segundo alegava que o poder formal podia não coincidir com poder real e sugeria o exame de decisões concretas para que fosse detectado o poder em ação e as pessoas que realmente o exerciam. Alguns autores tentariam naturalmente combinar os dois métodos e outros levariam mais longe a crítica chamando a atenção para o fato de que o poder nem sempre se exerce apenas pelas decisões tomadas, mas também pelas não-decisões”¹⁰.

Com base no exposto acima, percebemos que o estabelecimento de um método pré-estabelecido não é funcional visto que a compreensão da elite local faz-se sob a observação das suas particularidades e através da identificação desses elementos, só assim podemos afirmar quem são realmente os agentes que exercem o poder. O trabalho feito aqui segue este juízo, ou seja, o estabelecimento do método não se impôs aos dados que as fontes apresentaram, sendo constituído ao mesmo tempo em que as fontes eram analisadas. Câmara poderia ser um bom índice, mas São José era uma freguesia ligada à Curitiba.

Baseado em algumas obras, identificamos modos de trabalhar com as fontes que dispúnhamos. A primeira hipótese a ser testada é o número de compadrios e se há relação deste elemento com a formação da elite local, a segunda inquietação é em relação ao número de cativos, ou seja, se os maiores senhores de escravos fazem parte da elite, a terceira e última visa perceber se há relação entre as patentes e as relações de prestígio social. Tais hipóteses só são possíveis visto que as nossas fontes nos restringem a tais tipos de questionamentos.

O caminho adotado para responder a questão é baseado na ideia que as relações sociais estabelecem quem é a elite. Isso pode ser verificado de várias maneiras assim como pelo número de escravos que uma pessoa possui. Esse caminho, no entanto faz com que as hipóteses apresentadas sejam testadas e que as perguntas que fazemos às fontes sejam simples para que a junção das informações se transforme em um grande emaranhado de dados, da onde então poderemos encontrar uma resposta mais complexa para a nossa pergunta. Há de se perceber que buscamos aqui uma metodologia que seja

¹⁰ CARVALHO, José Murilo de. **Construção da ordem**: A elite política imperial. Brasília: Universidade de Brasília, 1981 p. 41.

prática, ou seja, que possibilite ao pesquisador do tema, a partir das fontes construir um cenário e então perceber as relações que mais lhe pareçam aceitáveis para a construção da sua resposta.

Para tanto trabalharemos aqui com três perspectivas que nos fazem úteis para a nossa metodologia. Encontraremos nos trabalhos de Fragoso, Ricupero e Hameister elementos para consolidar as nossas hipóteses e assim vamos elencar cada uma delas a fim de que se estabeleça o nosso referencial teórico.

Vamos dar início ao nosso trabalho com a ideia apresentada por Ricupero que consiste em apresentar a elite baiana no século XVI. O modo como o autor busca encontrar registros para a sua confirmação se dá com base nas fontes de oficiais onde as designações são tomadas em favor de determinadas pessoas, isso porque uma das características, bem como consta no início desse capítulo, é a presença desse grupo no topo da hierarquia social. Sabendo quem são as pessoas que frequentam esse grupo percebemos então as relações sociais e a sua manutenção. Ricupero entende como se dá a formação da elite baiana ao observar que as decisões políticas giram em torno dos interesses da elite local e verifica que as relações pessoais regem as demais.

No século XVI, uma parcela importante da elite colonial foi formada através da participação na administração direta ou indireta da colônia, o que teria permitido a consolidação de um patrimônio, sendo que este permitiria a execução das tarefas exigidas no processo de colonização, processo que nos períodos posteriores seria o inverso, com os quadros da administração colonial sendo buscados numa elite colonial já constituída.¹¹

Tomar a ideia de que a formação de uma elite local está associada pela questão política e que a manutenção do grupo depende das decisões tomadas é uma atitude válida para o estudo feito aqui uma vez que podemos encontrar em São José várias pessoas de patentes e que exercem cargos políticos. Desse modo o trabalho de encontrar os representantes da coroa para verificar o quão importante se faz a suas relações e a importância para a composição da elite local.

O segundo trabalho que nos dá suporte para o teste de nossas hipóteses é a ideia apresentada no trabalho de Hameister em que aborda a questão das relações sociais e familiares na vila do Rio Grande. Esse trabalho se faz muito importante para nós

¹¹ RICUPERO, Rodrigo. A formação da elite colonial através da conquista territorial (c. 1530 - c. 1630) p.1

principalmente pelas fontes utilizadas, registros de batismo, que são a nossa principal fonte para esse trabalho e ainda mais porque além de dar uma ideia do resultado final a metodologia apresentada por ela para trabalhar os batismos foi de grande importância para aprendermos a organizar o trabalho¹².

Hameister em sua tese mostra como se davam as relações de poder na região do Rio Grande tendo em vista o número de apadrinhamento de determinados indivíduos. A partir desse dado, ela estabelecia as redes sociais daqueles indivíduos formando assim a elite das pessoas mais importantes e prestigiadas do local. Não apenas apontar para quem tem mais afilhados, mas mostrar que as relações que estabelecem um apadrinhamento vão além da questão religiosa e ficam evidentes devido as repetições que se encontram e juntamente com esse dado juntam-se outros fatores tão relevantes quanto, se o padrinho representa uma autoridade local, se o padrinho possui posses relevantes e etc. Por fim temos também a questão da posse de escravos como sendo um dos principais atrativos para a associação a esse senhor. No entanto a maior importância se dá na questão de que as demais hipóteses nesse caso só foram possíveis graças ao relacionamento a partir dos apadrinhamentos, pois sem saber quem eram as pessoas com mais associados por essa relação social, não seria possível ter uma perspectiva completa.

Em terceiro e último mais não menos importante, temos o trabalho de Fragozo que usamos para dar suporte a nossa hipótese final que está relacionada a questão das patentes, das figuras associadas ao poder, das constituições familiares a partir da ligação entre uma pessoa que representa a legitimidade de um grupo da alta hierarquia e como se dá as relações entre esses e os seus parentes, se assim podemos dizer. É interessante perceber que a maneira como a relação de parentesco com um indivíduo de hierarquia mais alta o favorece na obtenção de alguma benesse. De acordo com João Fragozo pertencer ao círculo social de alguém que pertence a coroa favorece a distinção da mesma, uma vez que ser afilhado de uma pessoa da elite da terra que é muito importante visto que o prestígio dela refletia em seus afilhados e parentes isso gera um destaque social relevante para a manutenção e para a manutenção das hierarquias sociais locais.

¹² HAMEISTER, Martha Daisson. **Para dar Calor à Nova Povoação**: estratégias sociais e familiares na formação da Vila do Rio Grande através dos registros batismais (c.1738-c.1763)

O trabalho de Fragozo mostra-nos como as relações sociais podem ter um fim específico, no caso a elite local tinha um plano para a composição da sua sociedade, fazer a economia da *Plantation* e manter os benefícios conseguidos desde o descobrimento do território pelos seus antepassados. Nessa questão podemos perceber a engenhosidade e complexidade das relações que são estabelecidas para a formação social, não que seja como um jogo de xadrez onde cada movimento seja pensado estrategicamente, mas que a sociedade é composta com pessoas que buscam manter os seus interesses.

A contribuição conceitual desses autores juntamente com o trabalho apresentado por eles com as fontes e o tratamento dado aos mínimos detalhes exemplifica o rumo que devemos tomar neste trabalho. Todos os trabalhos apresentados aqui foram os que mais se mostram condizentes com a pesquisa, pois apresentam possibilidades reais de trabalho com as fontes que dispomos, e focados no trabalho que pretendemos realizar, verificar que a elite de São José dos Pinhais está sob regida por algum desses elementos. Esse trabalho é o de reconhecer as características mais ou menos relevantes para o estudo de cada sociedade, para pensar em como os elementos escolhidos para a análise é importante na vida de um indivíduo para que este torne-se mesmo um membro da elite.

Visto que a elite era composta por pessoas que desejavam manter-se em suas posições e assim como já dissemos as suas ações eram voltadas para os seus interesses, uma vez que as ações faziam parte não apenas de uma estrutura local, mas de um processo comum na América Portuguesa.

"Em todo o processo de colonização das partes do Brasil, a Coroa portuguesa utilizou-se da iniciativa particular e nela se apoiou, buscando, porém, sempre seu controle. Se, na perspectiva do Estado contemporâneo essa situação possa ser vista como fragilidade, à época, no processo de formação do Estado¹³, tal política constituiu hábil recurso: a Coroa utilizava recursos humanos e financeiros particulares para viabilizar seus projetos, sem arcar com a maior parte do ônus, cedendo, em troca desse apoio, terras, cargos, rendas e títulos nobiliárquicos. Enfim, os mais diversos serviços, prestados ou prometidos, e as mais variadas mercês são trocados entre a Coroa e seus vassalos"¹⁴.

Ricupero apresenta um elemento chave para a compreensão do modo de composição da sociedade, e percebe-se que a forma como este trecho descreve o meio

¹³ Fernando Novais destaca esse aspecto de o Estado moderno encontrar-se em processo de formação no período. "Condições de Privacidade na Colônia", in: Laura de Mello e Souza, História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 15.

¹⁴ Florestan Fernandes. Circuito Fechado. 2a ed. São Paulo: Hucitec, 1977, p. 34.

social temos uma característica da sociedade de São José. O trecho seguinte resume a ideia que temos nesta primeira ideia.

Os chamados “homens bons eram agentes da dominação, tanto enquanto membros privilegiados do corpo dominante colonial¹⁵”. Esse processo, ao associar a elite ao governo, além de dividir as tarefas da colonização entre a Coroa e os colonos¹⁶, reforçava os laços de solidariedade, garantindo a fidelidade dos colonos à metrópole. Enfim, “a elite econômica, tornava-se, desse modo, a elite social e governamental¹⁷”

Construir a elite de São José tendo em vista perceber o início de sua povoação, a maneira como a freguesia é formada, quem são as principais personagens e como estas vão se destacando no cenário local até se tornarem o que denominamos de “elite”. Desse ponto de vista temos muitos aspectos que poderiam ser aprofundados, mas como este trabalho não tem a finalidade de ser totalmente abrangente vamos usar apenas alguns elementos que consideramos relevantes. O modo como a elite de São José se apresenta se é que podemos caracterizá-la como elite de acordo com os conceitos apresentados.

Essa elite, em formação, assumiu a tarefa de ocupação da costa atlântica, incentivada e apoiada pela Coroa, aproveitando-se deste processo para reforçar seu poder político e econômico, principalmente angariando terras, apoderando-se de escravos e ocupando novos cargos.¹⁸

Buscamos aqui encontrar mesmo a questão que faz o trabalho do historiador que é fazer a ciência histórica e não apenas narrar acontecimentos. Encontrar a elite é encontrar as regularidades que formam os grupos, os sinais que os distinguem dos demais, que orientam para que a partir desses sinais possamos compreender como se faz uma elite. podemos fazer isso somente com a busca por informações e teorias, e foi o que procuramos apresentar aqui de modo simples, mas que de certa forma dar um pouco da ideia que temos sobre as nossas hipóteses.

Algumas das hipóteses que buscamos utilizar nesse trabalho são baseadas nas experiências que temos no estudo da história social buscando conhecer melhor a história de certo grupo, uma coletividade, e verificar as continuidades, os pontos em que cada

¹⁵ Vera Lúcia Amaral Ferlini, Açúcar e Colonização (Da América portuguesa ao Brasil: Ensaios de interpretação). São Paulo: FFLCH-USP, 2000. (Tese de Livre-Docência), p. 8

¹⁶ Francisco Calazans Falcon. “Pombal e o Brasil” in: José Tengarrinha. História de Portugal. Bauru: Edusc e São Paulo: Unesp, 2000, p. 150.

¹⁷ Vera Lúcia Costa Acioli, Jurisdição e conflitos. Recife: Edufpe/Edufal, 1997, p. 1.

¹⁸ RICUPERO, Rodrigo. A formação da elite colonial através da conquista territorial (c. 1530 - c. 1630)

indivíduo apresenta para então caracterizá-lo como participante da elite. Assim como os estudiosos do tema, temos os registros em que encontramos as nossas personagens e as mesmas foram de grande importância visto que na montagem do banco de dados, como já dissemos anteriormente, foram encontradas personagens relevantes para a composição da elite local. A definição de elite assim como apropriada pelos autores citados permite modelar as características necessárias para que as hipóteses sejam testadas.

Há que se notar que os aspectos da metodologia nesta pesquisa são reflexo das escolhas feitas na composição da teoria, não se deve dizer que a metodologia estabeleceu este padrão de análise e a forma como esta foi conduzida. O conceito de elite assim como queremos provar vem sobretudo das referências teóricas que escolhemos para nós neste trabalho. Trata-se aqui de reunir os vestígios, e o historiador deve fazê-lo como seu ofício e então construir o seu texto envolto à suas referências e experiências com a pesquisa. Sendo este o trabalho do historiador é importante perceber que a nossa pesquisa antes de todas as técnicas que empregamos, sejam elas sofisticadas ou nem tanto, são fruto das nossas escolhas teóricas.

O início deste trabalho começou com a transcrição dos registros de batismos para compor a base de dados do projeto “Afogando em nomes e em relações sociais”. Os dados foram conseguidos em sua maioria no site dos Mórmons e no Arquivo do Estado de São Paulo (AESP). Foi realizado o download dos mesmos e depois de reunidos e organizados os arquivos de imagens foram disponibilizados para o trabalho de transcrição. Inicialmente o trabalho consistia em, olhar as imagens e enxergar um monte de garranchos mal conseguindo ver as letras.

Após alguns registros as dicas que nos haviam sido passadas começaram a funcionar. A cada registro que era transcrito apareciam personagens repetidos, apareciam letras iguais e as sim as imagens se transformaram em fontes. Os dados que começavam a se repetir em muitos registros foram ficando cada vez mais evidentes, eis aí uma questão interessante a repetição de um mesmo personagem em diversos registros de batismos uma pessoa que faz parte de um grande conjunto de dados, a investigação se faz necessária.

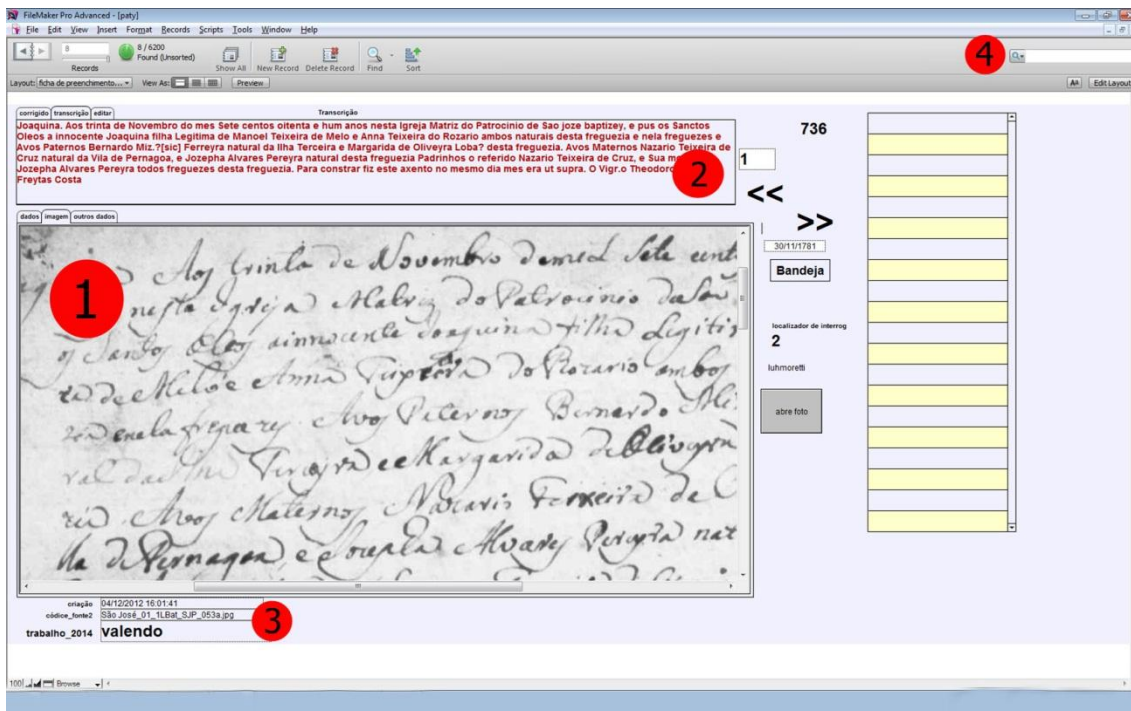
O registro de batismo é uma fonte que segue um padrão de escrita, mesmo com o passar do tempo a sua estrutura permanece. Quase que inalterada. O registro de

batismo pode variar o número de linhas, alguns com apenas três ou quatro e outros com vinte. A variação está ligada ao número de informações apresentadas naquele registro. Tendo que a maioria dos registros onde se constam todos os dados são abundantes e que muitos deles mesmo que não sendo de pessoas tão abastadas os registros seguem a seguinte ordem de composição: A data do batismo a paróquia em que este foi realizado, o nome da criança que foi batizada, se o filho é legítimo ou não e o nome do pai seguido do nome da mãe e da naturalidade dos mesmos. O nome dos padrinhos pode ou não aparecer. Em seguida constam os avós maternos e os avós paternos a naturalidade de ambos e ao fim do texto o padre responsável pelo batismo fecha atestando que fez o registro no mesmo dia e assina o registro.

O trabalho de transcrição realizado gerou uma grande quantidade de páginas e páginas contendo centenas de dados importantes e que possibilitaram diversas pesquisas, dentre essas está a minha. Cada um com sua questão então em busca de construir uma resposta com o uso das fontes. Interessante perceber que as mesmas fontes geraram trabalhos diferentes com perspectivas diferentes sobre os mesmos registros, a maneira com que o trabalho do historiador é conduzido apresenta a ele uma maneira diferente de encontrar caminhos novos.

Os registros de batismos que foram transcritos formam um banco de dados onde as informações se encontram integrais, ou seja, nele as informações que são legíveis e que podem ser transcritas aparecem da mesma maneira, mantendo sua ortografia e sua estrutura de sentido inalteradas. Isso permite a quem quer que seja que pesquise nesse banco de dados encontrar a fonte assim como ela realmente é, dispondo a imagem do documento ao lado da transcrição e do banco de dados.

O sistema utilizado é o “FileMaker” uma plataforma desenvolvida para criação de bancos de dados que permite uma infinidade de relações entre um dado e outro criando assim um banco de dados complexo com funcionalidades extremamente relevantes para esse trabalho bem como também muito acessível para a consulta dos registros, sendo operado facilmente por qualquer pessoa que saiba utilizar um computador.



No Item 1 temos o espaço reservado para a imagem do registro digitalizada. Nesse espaço podemos movimentar a imagem para cima e para baixo.

O Item 2 é o espaço destinado a transcrição do texto de forma integral sem mudanças. Este espaço está relacionado com a pesquisa que vamos explicar mais adiante.

No Item 3 encontramos as informações do arquivo como local no arquivo no computador data de criação do arquivo bem como em qual divisão do banco de dados aquela imagem está orientada.

O Item 4 é o campo de pesquisa, este campo está relacionado com o campo da transcrição e assim mesmo não tendo criado as separações dos dados ele é capaz de encontrar os termos que estão na transcrição de modo que é mostrado ao usuário todo o texto do registro.

A imagem mostrada acima representa a primeira etapa no processo de montagem do banco de dados para a pesquisa em história, na imagem a seguir apresentamos uma estrutura mais complexa com relacionamentos entre diversos campos e possibilidades inúmeras para encontrar as similaridades e disparidades entre os dados.

1

412

1

<< >>

01/04/1799

Bandeja

7

1

localizador de interrog

1

lialla

6

abre foto

dados | imagem

8

1

3

4

5

2

Senhor Pai Miguel Fernandez

Mãe Maria Rodriguez

Padre Teodoro José de Freitas Costa

Igreja Capela propriedade Igreja Matriz

Freguesia São José

Local do Batismo

Local de Nascimento

Observações

Senhores mencionados

Nome mencionado Miguel Fernandez Maria Rodriguez Francisco de Costa

| inf | quem | agente | cód_agente | informação | cód_local | código |
|------|----------|--------------------|------------|---------------------|-----------|--------|
| ECIV | PADRINHO | Francisco de Costa | | Solteiro | São | |
| ECIV | MADRINHA | Maria da Costa | | Casada com Manuel ? | São | |

daniellaleta registro

No Item 1 temos a transcrição do texto já com as correções ortográficas e com os elementos importantes em cores destacadas.

No Item 2 fica a lista com todos os dados preenchidos.

O Item 3 e 4 são respectivamente são para o preenchimento das informações relacionadas ao pai e a mãe, avôs e avós.

No Item 5 estão localizadas as informações gerais como: a localidade do batismo, data do batismo, nome do padre que confeccionou o registro, e seu a criança é filha legítima.

O Item 6 tem como função ajudar a esclarecer alguma dúvida quanto ao registro, ao clicar nele, a imagem digitalizada do registro abre e podemos ver se as informações estão realmente de acordo com as transcritas.

No Item 7 clicamos para voltar a bandeja para preencher o próximo registro.

No Item 8 consta o nome da criança batizada.

Capítulo 3 - A Elite em São José

Durante a leitura da bibliografia na tentativa de entender melhor sobre o estudo das elites deparamo-nos com diversas ideias e em meio a essa quantidade de propostas elegemos três que serão aqui usadas. Para a composição do material, procurou-se dar ênfase a perspectivas que contemplassem as fontes que dispúnhamos. Tendo atendido a esses pontos, partimos então para pensar em como podemos atender a tais questões com

uso de elementos relevantes para a caracterização de elite a partir dos dados encontrados. Para relembrar o leitor sobre esse trabalho se utilizou dos dados de duas listas nominativas (1783 e 1793) e dos registros de batismos da freguesia de São José dos Pinhais (1596 registros), entre 1770 e 1820.

Depois de confeccionado o banco de dados foi realizada a pesquisa de acordo com os seguintes critérios: tamanho das escravarias; maior número de afilhados; e por posse de patentes. Os dados para preencher os critérios só foram conseguidos porque as listas nominativas e os registros batismais contêm dados básicos como, por exemplo, data, nome completo do agente, local, naturalidade, e se a pessoa também for possuidor de algum título é possível que ele apareça em alguma dessas fontes.

De maneira geral podemos apontar diferentes elites para a freguesia de São José dos Pinhais, a partir do uso das listas nominativas de 1783/1793 como com os registros de batismos da freguesia. Estas fontes estão digitalizadas e delas temos um banco de dados já construído e organizado de acordo com as figuras expostas anteriormente. As listas nominativas de habitantes, também conhecidas por maços de população, constituem uma série documental bastante conhecida e explorada pelos historiadores ao longo das últimas décadas. A distribuição de tais listas, no entanto, é muito desigual, pois em alguns lugares existem uma abundância e em outros quase não se encontram, isso quando existem. Elas passaram a ser confeccionadas a partir de 1765 com a preocupação de reorganizar o mundo colonial (BACELLAR 2008). Por se tratar de um trabalho de descrição, de obter dados detalhados da população e economia, muitas vezes, as listas eram feitas por pessoas que nem sempre entendiam o que lhes era pedido e em vários casos o faziam de forma descuidada, e sem nenhum capricho, apenas faziam o mínimo do seu trabalho. Outros, porém realizavam tão bem que existem listas com capas aquareladas o que ajuda-nos a perceber até o comprometimento daqueles agentes com a tarefa realizada.

Os registros paroquiais de batismo feitos no Brasil tinham por objetivo marcar o parentesco espiritual que se adquire no sacramento do batismo e da idade dos batizados. No caso dos senhores de escravos eram fontes importantes para garantir a legitimidade da posse dos escravos que nasciam em suas terras.

“Quando um escravo era comprado havia uma matrícula que servia como comprovante da posse. Porém, o inocente nascido de uma escrava não era matriculado, já que não tinha ocorrido uma transação comercial. Dessa maneira, o registro de batismo era a única forma de que dispunha o

proprietário para comprovar que alguns dos escravos, nascidos em seus planeis, eram efetivamente seus”¹⁹.

Passaremos agora a apresentar os critérios escolhidos para mostrar como eles se relacionam com as fontes. A primeira hipótese a ser testada é fundamentada na ideia do escravismo como forma de poder. Tendo em vista a noção de poder senhorial assim como estabelece Gilberto Freyre no qual o ”senhor” usa o poder que tem de forma autoritária, às vezes cruel, e usa sem perguntar ou pedir permissão a ninguém para que não se estabeleçam outros poderes além do seu. O senhor de escravos exerce o papel de autoridade em todo o seu universo, seja ele na família, no trabalho, na educação, na relação dos escravos entre si. Desse modo há a personificação do poder na pessoa do senhor e assim o dono de escravos ganha o status do poder. Soma-se a esse entendimento que a aquisição de um escravo requer o investimento de uma pequena fortuna, temos indivíduos com poder aquisitivo suficiente para o usufruto de vários desses.

Sabemos que a freguesia de São José dos Pinhais é uma freguesia de localização providencial de encontro entre os diversos caminhos utilizados pelos tropeiros que por ali passavam fazendo o comercio de mulas do Sul para a região das Minas. Reunidos somente os registros de batismos de todo o período, temos uma lista com os maiores senhores:

MAIORES SENHORES (FONTE: REGISTROS DE BATISMO)

| Rótulos de Linha | Contagem de Escravo |
|--------------------------------|----------------------------|
| Antônio dos Santos Teixeira | 10 |
| Maria dos Santos | 9 |
| Igreja Nossa Senhora das Neves | 8 |
| João Simões da Costa | 8 |
| Antônio de Souza Pereira | 6 |
| Isabel Fernandes | 6 |
| Manuel Vaz Torres | 6 |
| Nazário Teixeira da Cruz | 3 |
| José Gabriel Leitão | 3 |
| Manuel Bento da Rocha | 2 |
| Total Geral | 61 |

19 SILVA, Sidney Pereira da. Os registros de batismo e as novas possibilidades historiográficas. Revista Eletrônica história e-história. Campinas, Unicamp, 21 de jul. de 2008. Disponível em: <http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=53>

Percebe-se que em quantidade de escravos são poucos os que possuem mais de 6 escravos, isso significa que a maior parte dos senhores não possuem escravos em quantidade proporcional às capitanias mais desenvolvidas como as da Bahia, Minas e do Rio de Janeiro. Sabemos que mesmo tendo características rurais, a utilização de mão de obra escrava de origem africana nas suas terras era rara, pois como dissemos o preço de um escravo era muito alto e o poder aquisitivo não parece ser suficiente. Citamos nesta lista apenas os dez maiores senhores de escravos, mas há ainda diversos indivíduos que possuíam apenas um escravo.

Pesquisas em outras fontes com os registros das principais elites regionais revelaram o caráter periférico dos agentes aqui encontrados visto que as informações sobre eles são escassas. Dentre os personagens dos quais mais obtivemos resultados nas pesquisas está Manuel Vaz Torres tesoureiro da Confraria de Nossa Senhora dos Pretos entre 1805 e 1808²⁰, destaque na lista de senhores de escravos sofre um decréscimo de posição se levarmos em conta o número de afilhados, pois não há dados que nos façam comprovar sua importância como padrinho e mesmo quando tentamos encontrar a existência de alguma patente não conseguimos nada. Dessa maneira o trabalho de pesquisa em história é bastante cheio de lacunas.

Para muitos autores, a posse de um escravo que seja já diferencia os livres entre si. A ideia de que ter alguém para fazer o trabalho braçal é algo prestigioso faz da posse de um escravo um fator de mudança de status, de conquista do prestígio social, de ascender à um novo estágio de tornar-se parte do que aqui chamamos de “elite”. Machado²¹ ainda diz que não é a necessidade de produzir ou de realização de uma determinada tarefa que faz o indivíduo investir na aquisição de um escravo, mas sim a ascensão que ele sofrera a partir da aquisição do bem. O escravo é fator de alta na razão social e quanto mais as pessoas procuram manter esse tipo de aparência mais a economia escravista se fortalece. Segundo Machado o escravismo São José era tão forte que a elite disputava agregados entre si. Utilizaremos outra fonte que permitirá aprofundar nossa análise.

Com as listas nominativas também é possível montar a elite de São José pelos critérios do tamanho das escravarias, assim temos respectivamente.

²⁰ 1Tabelionato de Curitiba livro 029, p. 06

²¹MACHADO, Cacilda. A trama das vontades, negros, pardos e brancos na produção da hierarquia social do Brasil escravista. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008, 218 p

LISTA DE 1783

| Senhor | Total de escravos |
|-----------------------------|-------------------|
| João Simões | 26 |
| Manuel Vaz Torres | 19 |
| Francisco Pereira Magalhães | 11 |
| Nazário Ferreira | 10 |
| Antônio de Souza | 8 |
| João Gomes | 7 |
| Nazário Teixeira | 7 |
| Pedro Antônio | 7 |
| Rosa Maria Guedes | 7 |
| Francisco Antônio Moreira | 6 |
| Total Geral | 108 |

Fonte: Listas Nominativas de 1783

As mudanças nas listas de ano para outro ocorrem devido à mudanças que ainda não sabemos esclarecer, visto que não tivemos as informações disponíveis para este trabalho. Contudo podemos dizer que há mudanças na sociedade, parece-nos que existe um crescimento, visto o número maior de senhores de escravos.

LISTA DE 1793

| Senhor | Total |
|-------------------------------------|------------|
| Antônio dos Santos | 20 |
| Isabel Fernandez | 13 |
| Antônio de Souza | 12 |
| Nazário Ferreira | 11 |
| Francisco Bruno da Cunha | 11 |
| Margarida do Licunda (?) | 10 |
| Escravos de Nossa Senhora das Neves | 10 |
| Margarida de Oliveira | 9 |
| Manuel Vaz | 8 |
| Paulo da Rosa Paulo da Rocha | 6 |
| Gabriel José | 6 |
| Nazário Teixeira | 5 |
| Manuel Padilha | 5 |
| Manuel da Cruz | 5 |
| Total Geral | 131 |

Fonte: Listas Nominativas de 1793

Há uma forte dinâmica na propriedade escrava em São José dos Pinhais de modo que poucos aparecem nas duas listas.

**PRESENÇA EM AMBAS AS LISTAS NOMINATIVAS
(1783/1793)**

| Senhor |
|------------------|
| Antônio de Souza |
| Nazário Ferreira |
| Nazário Teixeira |

Vemos na quarta tabela que apenas três dos indivíduos aparecem nas duas listas nominativas o que representa a continuidade de uma elite se pensarmos que a posse de escravos garante a distinção social do dono do escravo. Não citamos aqui as quantidades totais de escravos devido à imprecisão na distinção dos escravos de uma lista para a outra, portanto para não repetir os mesmos escravos e manter a cautela sob os dados apresentados, optamos por mostrar apenas os nomes dos maiores senhores nas respectivas listas. Deve-se notar a ausência da figura feminina na última tabela apresentada, visto a presença de mulheres em todas as outras tabelas. Esgotadas as possibilidades de criar um cenário com a relação pelo número de escravos, partimos para apresentar outras possibilidades.

O segundo critério em que testamos nosso trabalho foi o de número de compadrios como forma de enxergar as possíveis relações entre eles e assim compor uma elite que tem como forma de notoriedade o estabelecimento de vários compadrios. Para este critério trabalhamos com a perspectiva apresentada por Hameister em sua tese, que mostra na vila do Rio Grande como a relação entre os maiores senhores e o seu destaque social, ou seja, para Hameister a relação número de afilhados e elite se dá de forma clara, visto que para os demais critérios como posse de escravos e patentes os dados apresentados por ela apresentaram resultados semelhantes. Veremos nas tabelas adiante se as nossas hipóteses serão confirmadas assim como as de Hameister.

Outra maneira de observar as fontes e conseguir resultados diferentes é se pensarmos a elite de acordo com o conceito de Hameister e pensar que as relações de compadrio são as responsáveis por dar o status a tais indivíduos. Se pensarmos que as relações sociais se fazem a partir da relação de prestígio que se estabelecem umas com as outras, temos o seguinte pensamento, “O estabelecimento de laços de compadrios se

dá a partir do anseio de uma pessoa participar de associar-se a outras de mesmo patamar na escala social ou então de níveis mais altos e assim se tornar integrante de tal grupo”. Esse movimento de busca de um padrinho que estabeleça ou que mantenha o status social daquele fogo pode ser buscado com os registros batismais. Tomando este critério encontramos os padrinhos e madrinhas mais requisitados logo podemos associar outras características como a posse de escravos, a relação das madrinhas além de poder pesquisar também se esses indivíduos possuem alguma patente que os diferencie quanto aos demais.

Nas tabelas abaixo apresentamos as madrinhas e padrinhos mais bem colocados nas contagens de número de afilhados.

| Principais Padrinhos | Total de Afilhados |
|-----------------------------|---------------------------|
| João dos Santos Lima | 31 |
| Manuel José da Cruz | 21 |
| Manuel Vaz Torres | 18 |
| Francisco Batista Diniz | 17 |
| Joaquim de Bastos | 16 |
| Antonio Pereira do Vale | 14 |
| Antonio de Souza Pereira | 14 |
| Tomas João Ferreira | 14 |
| Antonio João de Oliveira | 14 |
| Silvestre Cordeiro | 11 |
| Francisco da Silva de Abreu | 11 |
| Luis Antonio de Albuquerque | 11 |
| Manuel Bueno da Rocha | 10 |
| João Nepomuceno Franco | 10 |
| Pedro Machado Fagundes | 9 |
| Total Geral | 221 |

Observamos que as pessoas que aparecem nas listas de batismos não se repetem nas listas de compadrios vamos chegar à seguinte conclusão, que talvez a elite de São José não seja de tão fácil identificá-la. Devemos observar os demais dados para então apresentar uma conclusão.

| Principais Madrinhas | Total de Afilhados |
|--------------------------------|---------------------------|
| Ana Maria de Jesus | 15 |
| Francisca do Rosário Freitas | 14 |
| Margarida Angélica | 10 |
| Maria das Neves | 10 |
| Ana de Sá Rocha | 9 |
| Maria Leme da Silva | 9 |
| Margarida Angélica de Oliveira | 8 |
| Maria Buena | 8 |
| Maria Buena da Rocha | 7 |
| Total Geral | 90 |

Tomando padrinhos e madrinhas temos esta tabela.

| Principais Padrinhos e Madrinhas | Número de Afilhados |
|---|----------------------------|
| João dos Santos Lima | 31 |
| Manuel José da Cruz | 21 |
| Manuel Vaz Torres | 18 |
| Francisco Batista Diniz | 17 |
| Joaquim de Bastos | 16 |
| Ana Maria de Jesus | 15 |
| Antônio Pereira do Vale | 14 |
| Francisca do Rosário Freitas | 14 |
| Antônio de Souza Pereira | 14 |
| Tomas João Ferreira | 14 |
| Antônio João de Oliveira | 14 |
| Silvestre Cordeiro | 11 |
| Francisco da Silva de Abreu | 11 |
| Luis Antônio de Albuquerque | 11 |
| João Nepomuceno Franco | 10 |
| Manuel Bueno da Rocha | 10 |
| Maria das Neves | 10 |
| Margarida Angélica | 10 |
| Ana de Sá Rocha | 9 |
| Maria Leme da Silva | 9 |
| Pedro Machado Fagundes | 9 |
| Margarida Angélica de Oliveira | 8 |
| Maria Buena | 8 |
| Maria Buena da Rocha | 7 |
| Total Geral | 311 |

Com os dados em mãos podemos trabalhar a questão das características que fazem desses padrinhos e madrinhas os mais requisitados. Devemos, portanto passar para o ultimo aspecto de nosso interesse de modo a testar também esta variável.

As patentes em São José São escassas, o que é um desafio para a pesquisa, na busca por informações, tivemos o trabalho de verificar em cada uma das listas nominativas e nos registros de batismos que a correlação entre os principais senhores de escravos e a quantidade de afilhados não poderia ser afirmada, visto que, assim como vemos nas tabelas os nomes quase não se repetem.

Rodrigo Ricúpero trabalha a ideia que aqui vamos usar como nosso terceiro critério, a posse de patente como fato de distinção social na formação da elite local de São José. Tendo em vista que para Ricúpero a elite se distingue dos demais grupos devido às benesses exclusivas na sua manutenção e continuação a elite precisa estar entre iguais. Dessa forma a maneira como a elite se articula é voltada para a busca por patentes títulos e outros benefícios tanto que as relações estabelecidas entre eles nem sempre se dá com pessoas de mesmo lugar, alcançam distancias enormes mas não se estabelecem com pessoas que sejam consideradas de patamar inferior.

O terceiro e último critério é a posse de patentes e cargos baseada em Ricupero. Tomando as listas nominativas temos 8 personagens qualificadas.

| Qualificativo | Nome | Idade | Categoria | Estado Civil |
|-----------------|-----------------------|-------|-----------|--------------|
| <i>Capitão</i> | José Gabriel Leitão | 55 | Chefe | C |
| <i>Alferes</i> | Francisco Tomas | 26 | Filho | S |
| <i>Tenente</i> | Nazário Ferreira | 66 | Chefe | C |
| <i>Ajudante</i> | João Batista | 45 | Chefe | C |
| <i>Sargento</i> | Bento Terras | 25 | Chefe | C |
| <i>Alferes</i> | Antônio dos Santos | 45 | Chefe | C |
| <i>Capitão</i> | Antônio João da Costa | 70 | Chefe | C |
| <i>Tenente</i> | João da Rosa | 38 | Chefe | C |

Se observarmos a tabela acima com atenção e compararmos com as tabelas apresentadas anteriormente encontramos personagens que até então não haviam aparecido, o que é interessante quando se pensa que a elite esteja presente em grande maioria dos registros oficiais produzidos. No período em que estudamos a freguesia

(1770/1820), São José não possui câmara o que explica em parte algumas das ausências de personalidades políticas fora das listas dos principais Padrinhos e Senhores de escravos. A tentativa de esgotar o método, as possibilidades de trabalho e eleger os principais elementos que fornecessem dados suficientemente aceitáveis para chegar até aqui resultou em encontrar agentes que se destacam em vários aspectos da vida social, mas que não exercem, pelo menos não oficialmente o poder da coroa.

Assim como seria natural de se fazer, visto que o emprego de apenas um dos critérios não apresenta resultados satisfatórios, poderíamos unir os três critérios e assim encontrar uma elite "perfeita" onde seriam contemplados os todos os critérios. Ao ver o nome de Nazário Ferreira, mas ele certamente não era o mais poderoso, pois nem mesmo era capitão. Outro que no decorrer das tentativas foi parecendo ser o grande personagem da elite era Manuel Vaz Torres, que aparece em muitas listas, mas depois desaparece. É assim com alguns dos personagens que se repetem nas listas.

Conclusão

No início deste trabalho e no decorrer de cada página tentamos apresentar os dados que comprovassem as nossas expectativas quanto a elite em São José dos Pinhais e quanto as teorias já testadas em outros trabalhos na busca de identificar as elites regionais do Brasil colonial. Pudemos ver que existem personagens como Manuel Vaz Torres, que aparece em mais de uma lista como um dos principais personagens de destaque, no entanto quando passamos para o último critério ele desaparece. Devido a nossa documentação não ser tão vasta, visto que o período em que analisamos não as dispõe tivemos que encontrar e testá-las da maneira mais conveniente a encontrar no método da história social vestígios para responder a nosso questionamento, existe sobre quem era a elite em São José. Não só aprendemos como a pesquisa em história é cheia de surpresas, como também o teste das hipóteses nos deu novas formas de enxergar o tema.

Depois dos critérios e dos testes das hipóteses chegamos a conclusão de que primeiro, a maneira como se aborda o tema pode determinar o resultado, visto que se apenas tivéssemos pensado no número de escravos como relevante para dizer quem é a elite teríamos sim uma elite, mas não uma que contemplasse todos os âmbitos daquela comunidade. Se tivéssemos elegido o número de compadrios como o elemento chave também deixaríamos a pesquisa de forma incoerente, uma vez que não atingiria a proporção desejada para uma elite. No entanto nosso intuito foi testar as três hipóteses para chegar a uma conclusão que surpreendeu a nós de maneira interessante. Ao tentar encontrar uma elite e caracterizá-la pelos critérios e dados e agrupá-los para verificar o seu resultado, acabamos por encontrar diversos fragmentos de uma elite, mas não podemos afirmar quem realmente era a elite e se realmente as pessoas listadas em todas as listas são mesmo parte dela.

Dizer que a elite de São José é representada por apenas um determinado critério seria um erro. Mas considerando as pistas que tínhamos, a limitação das fontes e nossos problemas teóricos. Talvez seja preciso repensar a historiografia utilizada e os critérios adotados por aqueles historiadores. O que funciona para alguns não funciona para outros, São José tem uma elite local de difícil identificação.

Bibliografia

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **Jurisdição e conflitos**. Recife: Edufpe/Edufal, 1997, p. 1.
RICUPERO, Rodrigo. A formação da elite colonial através da conquista territorial (c. 1530 - c. 1630)

BACELLAR, C. A. P. . **Arrolando os habitantes no passado**: as listas nominativas sob um olhar crítico. Locus (UFJF), v. 14, p. 107-124, 2008. Disponível em:
<<http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/55.pdf>> Acesso em 09 de julho de 2014.

CARVALHO, J. M. 2003. **A construção da ordem** : a elite política imperial; Teatro de sombras : a política imperial. 2ª ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira.

FALCON, Francisco Calazans. “**Pombal e o Brasil**” in: José Tengarrinha. História de Portugal. Bauru: Edusc e São Paulo: Unesp, 2000, p. 150.

FERLINI, Vera Lúcia Amaral. **Açúcar e Colonização**. Da América portuguesa ao Brasil: Ensaios de interpretação. São Paulo: FFLCH-USP, 2000. Tese de Livre-Docência.

FERNANDES, Florestan. **Circuito Fechado**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1977, p. 34.

GRYNZPAN. **Ciência, política e trajetórias Sociais**: uma sociologia histórica da teoria das elites. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

HAMEISTER, Martha Daisson. **Para dar Calor à Nova Povoação**: estratégias sociais e familiares na formação da Vila do Rio Grande através dos registros batismais (c.1738-c.1763)

MACHADO, Cacilda. **A trama das vontades. negros, pardos e brancos na construção da hierarquia social do Brasil escravista**. Rio de Janeiro, Ed. Apicuri, 2008. p.51

MILLS, C. Wright. **A elite do poder**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

RICUPERO, Rodrigo. **A formação da elite colonial através da conquista territorial** (c. 1530 - c. 1630)

SBRAVATI, Myriam. **São José dos Pinhais, 1776-1852; uma paróquia paranaense em estudo**. Dissertação de Mestrado - DEHIS/UFPR, Curitiba, 1980.

Mapa disponível em <<http://luminer.com.br/imagens/mapa.gif> > acesso em 05 de julho de 2014.

<<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20XX/Rodrigo%20Monteferrante%20Ricipero.pdf>> acesso em 01 de julho de 2014.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil:** arrojadas aventuras no século XVI entre os antropófagos do novo mundo. São Paulo: 1942. 216 p.

Fontes

AESP. Maços populacionais. São José dos Pinhais. 1783 e 1793.

Arquivo da Cúria metropolitana de Curitiba. Livros de batismo de São José 1 e 2